

FH propõe “nova ética da solidariedade”

Presidente termina viagem ao México convocando intelectuais a retomar valores comunitários

PAULO SOTERO
Enviado especial

CIDADE DO MÉXICO — O presidente Fernando Henrique Cardoso fechou sua visita oficial ao México, ontem, conclamando os intelectuais da América Latina a engajar-se na criação de uma nova “ética de solidariedade”, fundada em valores comunitários, que vá além do conservadorismo que domina hoje o debate sobre o impacto da globalização econômica nos países em desenvolvimento.

Retomando o papel de estudioso das ciências sociais e professor universitário, que o consagraram como um dos intelectuais mais influentes da América Latina, o líder brasileiro afirmou em “aula magna” no Colégio de Mexico que a postura conservadora tende a “exaltar os processos uniformizadores” impostos pela nova dinâmica da economia mundial “como suficientes para criar riqueza e equidade” e ignora o aumento da desigualdade e da exclusão social, “questão (...) intrincada e de difícil combate” que a globalização está provocando em todo o mundo.

“Tenho a convicção que os países em desenvolvimento podem contribuir, talvez até mais do que as nações desenvolvidas, nessa passagem conceitual do domínio da economia para o mundo dos valores”, disse. “Porque nós, mais do que nunca, temos de exercer nossa capacidade criadora para responder, a um só tempo, aos desafios da nova realidade e à superação do legado social que nos penaliza e envergonha”.

Teoria da Dependência — Considerado até hoje um dos centros de investigação social mais importantes



FH cumprimenta o regente da Cidade do México, Oscar Espinosa

da América Latina, o Colégio de México foi onde o atual líder brasileiro trabalhou trinta anos atrás na elaboração da Teoria da Dependência, que o projetou mundialmente como intelectual. Ontem, Fernando Henrique apresentou uma revisão da teoria e lançou seu desafio aos intelectuais numa densa e corajosa análise sobre os riscos e oportunidades que a globalização apresenta para países como o Brasil e o México. O documento, de 21 páginas, reafirma as convicções de homem de centro, humanista, democrata e crítico do papel das elites do continente.

“A tarefa de dar sentido humano ao desenvolvimento, na era da globalização, tornou-se um grande desafio porque temos de lidar não apenas com uma realidade radicalmente no-

va, mas principalmente com o vazio ético que a idolatria do mercado gerou e que o fim das utopias revolucionárias acirrou”, disse o presidente. A globalização e a revolução tecnológica está provocando mudanças

DISCURSO ABORDA TEORIA DA GLOBALIZAÇÃO

fundamentais nas relações entre o capital e o trabalho que a teoria econômica clássica já não explica, lembrou ele.

O presidente lembrou que, nos anos 60, quando trabalhou com Enzo Faletto na construção da Teoria da Dependência, a internacionalização da produção, outra característica da economia globalizada, “(era um fenômeno) difícil de ser percebido em todas as suas vertentes”.

Renascimento — As mudanças trazidas pela globalização sinalizam

“uma era de prosperidade sem igual na história do homem — um novo Renascimento”, disse Fernando Henrique. A questão, para as nações em desenvolvimento, é como orientar os frutos dessa prosperidade “para atender à demanda (por justiça social) dos quatro quintos da humanidade que padece sob os efeitos da miséria e da doença”.

“É preciso separar os fatos concretos acarretados pela globalização de uma pseudo-ideologia que se está construindo em torno do fenômeno, com matizes que vão da pregação acrítica e celebratória das “virtudes” do sistema de gestação à afirmação da inevitabilidade da perda de relevância dos Estados nacionais”, advertiu. A nova dinâmica restringe a ação do Estado, mas “queiram ou não os defensores das ideologias neoliberais, o Estado ainda é uma referência obrigatória, como instrumento para organizar as transformações e disso o político contemporâneo não pode e não deve abrir mão”.

Em sua análise, o presidente não poupou as esquerdas tradicionais, que continuam a usar fórmulas ideológicas “que já não (tecem mais) com coerência os fios de uma realidade cambiante”. Recorrendo a um conceito marxista, ele criticou os mecanismos corporativos usados hoje pela “burguesia proletária” que se formou em setores estatais e compactua hoje com a irresponsabilidade social das elites. “O que parecia moderno pode tornar-se conservador, afastado da competição sadia e identificado com as vantagens do clientelismo”, afirmou.

A palestra foi assistida por cerca de trezentas pessoas, incluindo os ex-presidentes, Itamar Franco, do Brasil, e Miguel de la Madrid, do México, atual presidente do Fondo de Cultura. O evento marcou o retorno do presidente e de sua mulher, Ruth Cardoso, a uma instituição que, ele lembrou, foi fundamental no desenvolvimento de sua geração.

France Presse